

Negros gaúchos: o carnaval farroupilha de 1935

Afro-gauchos: the farroupilha carnival of 1935

Iris Graciela Germano

Resumo

Em 1935 enquanto a historiografia oficial rio-grandense aproveitava os festejos do Centenário da Revolução Farroupilha para afirmar a brasilidade do gaúcho, os descendentes de africanos aproveitavam as brechas desse acontecimento para afirmar não apenas a presença da cultura negra na cultura brasileira, mas também a presença da cultura afro-gaúcha na cultura afro-brasileira.

Palavras-chave: afro-gaúcho, afro-brasileiro, Revolução Farroupilha.

Abstract

In 1935 while the official historiography of Rio Grande do Sul took advantage of the Centenary of the Farroupilha Revolution to state the Brazility of the Gaucho, the Africans descendants used this situation to assert not only the Black culture in the Brazilian culture, but also the influence of the African-Gaucho in the African-Brazilian culture.

Key words: afro-gaucha, african-brazilian, Farroupilha Revolution.

O caso do regionalismo no Rio Grande do Sul apresenta constantemente traços que o singularizam e diferenciam do restante do Brasil e, ao mesmo tempo, afirmam seu pertencimento à história brasileira. A *brasilidade* dos gaúchos passou a ser questionada pelo Império desde a Revolução Farroupilha, mas após alguns anos, quando versões do acontecimento insistiam nas pretensões separatistas do movimento, políticos e intelectuais sulinos passaram a refutar tais opiniões. A partir de 1930, num ambiente de nacionalismo extremado, tornou-se insistente e sistemática a negação do separatismo e do platinismo do movimento farroupilha. No entanto, a ambigüidade da identidade regional ainda hoje encontra-se presente. Ao mesmo tempo que se procura negar os

desejos separatistas dos farrapos, em momentos de crises econômico-políticas evoca-se o movimento farroupilha e o passado de conflitos com o poder central.

Portanto, a construção da identidade gaúcha, no pós-30, passou a negar sistematicamente qualquer pretensão separatista do movimento farroupilha, construção essa que passou pelos órgãos oficiais do estado, como o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS). Historiadores envolvidos com a elite intelectual e política do RS, que apoiaram a Revolução de 1930 e a chegada de Getúlio Vargas ao poder central, trataram de construir uma história rio-grandense *brasileira*, jamais *separatista* e, ao contrário, mostrando o RS e o movimento farroupilha como genuinamente *brasi-*

Iris Graciela Germano é Mestre em História pela UFRGS. Professora do Curso de História de Gravataí/ULBRA.

Endereço para correspondência: iris_germano@terra.com.br

Textura	Canoas	n. 11	janeiro/junho 2005	p.37-46
---------	--------	-------	--------------------	---------

leiros, tratando de afirmar o sentimento de *brasileira* do povo gaúcho e a unidade nacional brasileira.

A Revolução de 1930 leva ao poder um presidente gaúcho, e é nesse contexto, principalmente nos anos 20, na luta para alcançar o poder em nível nacional e legitimar essa posse, que se coloca o interesse em demonstrar historicamente a identidade brasileira do estado sulino. O instrumento utilizado é a História, e os seus manipuladores, os historiadores e políticos gaúchos. Após as pesquisas de Aurélio Porto, que resgatam as condições brasileiras da Revolução Farroupilha, historiadores, como Emílio Fernandes de Souza Docca, Othelo Rodrigues Rosa e Moysés Vellinho entre outros, passam a repetir, cada vez com maior profundidade e extensão, o que se tornou a essência da historiografia no período: a **brasileira sul-rio-grandense**, desde sempre em sua história... (GUTFREIND, 1992, p. 20- 21) [grifo da autora]

Portanto, desde a década de 1920, os construtores da História do Rio Grande do Sul criavam uma imagem do sul *brasileira*, composta por uma população brava e forte, com líderes capazes de estarem à frente do poder nacional. Essa imagem justificava o esforço para alcançar o poder central, finalmente conseguido com a “revolução” de 1930.

A década de 20, significativamente, abrigou a criação do Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul, fundado em 1921. O IHGRS ganhou amplo apoio do governo do estado. Nos próprios pronunciamentos de posse da primeira diretoria da instituição, sobressaiu-se a interpretação da história com a idéia de *nacionalidade*, os interesses por assuntos patrióticos, as lutas históricas em prol das fronteiras morais e políticas da nacionalidade e o sentimento de amor à pátria que unia seus representantes.

Assim, ao mesmo tempo em que se preparavam os festejos de comemoração do Centenário do movimento farroupilha, tratava-se de extirpar opiniões desabonadoras sobre essa revolução e sobre o estado sulino, originárias do século XIX. Portanto, esse foi o contexto político-cultural que envolveu as comemorações do Centenário da Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul.

Quando iniciei esta pesquisa e me embrenhei no passado negro¹ e carnavalesco de Porto Alegre, acreditava que encontraria uma certa tensão entre a identidade regional e negra. Primeiramente porque, por mais que o historiador tenha como um dos seus horizontes a imparcialidade, despojando-se da realidade, dos valores e significados que o cercam, ele sai impregnado do presente no qual está inserido, principalmente em se tratando de um período histórico recente como o que trabalhei e que ainda é significativo na história da cidade. E, em segundo lugar porque, seguindo esta idéia, existe na atualidade alguns pontos de tensão entre a identidade negra e regional, o que me fez partir para a pesquisa pensando que encontraria alguma origem disso no passado. Afinal, os historiadores rio-grandenses das décadas de 30 e 40 pouco se referiram ao negro em seus estudos, e talvez isso tenha originado uma certa tensão, pela negação da participação do negro na cultura e história regionais. Este foi o caminho primeiramente percorrido, digamos assim, a primeira “hipótese” de que existia, pelo menos desde os anos 30, uma tensão entre a identidade negra e regional.

No entanto, as fontes passaram a me mostrar outras idéias/imagens. Comecei a me deparar com blocos e cordões carnavalescos compostos por descendentes de africanos que exibiam negros pilchados, empunhando a bandeira do Rio Grande do Sul e enaltecendo o sangue negro do bravo e guerreiro *gaúcho*. Essas imagens datam de 1935, muito antes da fundação, por exemplo, do 35 CTG, um marco do culto às tradições gaúchas em Porto Alegre.

Por sinal, em 1935 foi decretado na cidade o *Carnaval Farroupilha*, justamente em comemoração ao Centenário da Revolução Farroupilha. Naquele ano, inúmeros blocos saíram fantasiados à gaúcha e batizaram os agrupamentos com nomes alusivos à identidade regional: *Banda Sinfônica dos Guascas*, *Grupo Carnavalesco dos Farrapos*, *Grupo Carnavalesco Granadeiros Farroupilhas*, *Grupo das Marinheiras Farroupilhas*, *Cordão Gaúcho*, *Liberdade Gaúcha*, *Cordão Carnavalesco Gaúchos do Rincão*, entre outros, são alguns exemplos de agrupamentos carnavalescos que

¹O entendimento dado ao termo *negro* neste artigo é o da resistência e da positividade, não tendo em momento algum sentido pejorativo.



batizaram seus blocos com nomes ligados à cultura gaúcha.

Durante o *Carnaval Farroupilha*, o Cassino Farroupilha, inclusive, promoveu um concurso de blocos e cordões carnavalescos populares, cujos agrupamentos participantes eram aqueles sempre laureados com auxílios do poder público, como os *disciplinados e respeitados* blocos compostos por negros - *Prediletos, Tesouras, Divertidos e Atravessados*, entre outros.

A *Exposição Farroupilha* de 1936 também contou com a participação de blocos e cordões carnavalescos populares, que ganharam apoio financeiro da Prefeitura Municipal em troca de apresentações no Parque Farroupilha, durante os três dias de carnaval.

Estas representações que as fontes passaram a me fornecer mudaram aquela primeira impressão, impregnada de presentismo e de preconceitos, próprios de um momento anterior à elaboração conjunta da teoria com os dados empíricos coletados durante a pesquisa nos Arquivos. Inclusive, essa mudança decorrente da comprovação factual, histórica - pois os fatos estavam ali colocados concretamente através de imagens e discursos - passaram a modificar minha própria forma de vislumbrar o presente. Passei a perceber que, para os negros, não havia esta tensão entre a sua identidade e a identidade regional. Pelo contrário, o pertencimento à identidade regional era reivindicado, como um diferencial da própria cultura negra brasileira. Ser negro e gaúcho era percebido como um diferencial dos negros de outras regiões do país.

Talvez esse processo pelo qual esta pesquisa passou, de definir uma trilha inicial e acabar percorrendo outra, foi decorrente da forma como utilizei as fontes. Inicialmente, recolhi, na Biblioteca Walter Spalding, entrevistas de carnavalescos antigos, como fundadores das primeiras Escolas de Samba de Porto Alegre, ex-Reis Momo e personalidades ligadas ao carnaval da cidade. Essas entrevistas, apesar de se referirem aos carnavais antigos, haviam sido fornecidas no presente, numa cidade diferente daquela dos anos 30 e 40, com outras problemáticas e, até mesmo, com um outro carnaval.

As entrevistas, em vários momentos, apresentavam certas tensões existentes entre a identidade negra e regional. Depois, percebi que a tensão a que me referia existia realmente, mas

em termos de delimitar interesses específicos e próprios de cada cultura. Se formos a um CTG, encontraremos inúmeros descendentes de africanos pilchados, etc. Não é este o ponto da questão que quero abordar. Mas o fato de que quando estão envolvidas, por exemplo, verbas municipais ou estaduais para o carnaval e para eventos ligados ao folclore gaúcho, há diferentes interesses em jogo. Talvez neste sentido se possa falar em tensão, em grupos discordantes, com objetivos diferentes.

Nesta medida, as fronteiras que separam essas duas identidades em identidades opostas são rapidamente estabelecidas e tornam-se claras. Na leitura das entrevistas fornecidas por carnavalescos, as diferenças entre a cultura regional e negra são muitas vezes ressaltadas e colocadas como opostas e divergentes.

O trecho descrito abaixo, retirado do depoimento de Pernambuco, antigo carnavalesco de Porto Alegre, exemplifica esses pontos de tensão existentes, atualmente, entre a identidade negra e regional.

...Então, rapidamente, né, te colocando isso aí, só pra te dizer que a violência que a Rua do Perdão sofre não é, pra nós carnavalescos, não é nada, como eu vou te dizer, que a gente não espere, não é. Porque nós sabemos que a cultura negra, ela é uma cultura forte, e por ser uma cultura forte ela tende a ser reprimida, entende, você não vê, por exemplo, fecharem um CTG. Você já viu fechar? 'Ó, vamos fechar o CTG Tamanquinho da Princesa...' Não, vocês não vão ver falar nisso daí, né. Agora as Escolas de Samba nós já vimos várias que foram fechadas, né. Porque, porque exatamente a coisa é forte [...] Eu não estou aqui colocando nenhuma pecha, vamos dizer, no sentido de que o CTG tem apoio e nós não temos. Não. O CTG precisaria ter muito mais, e nós precisamos ter o mínimo, não é, que não temos... (LIMA, 1991, p. 13)

Esses interesses diferenciados provavelmente tenham se desenvolvido pelas disputas em jogo, materiais e simbólicas, no imaginário social local, disputa por verbas e apoio dos órgãos culturais estaduais e municipais e, por objetivarem-se na história, enquanto grupos de interesses específicos. Os CTGs e as Escolas de Samba são produtos culturais recentes na sociedade local. Os primeiros foram fundados em final



da década de 40 e as segundas, no início de 60. Portanto, é possível que as divergências tenham surgido a partir do momento da institucionalização dessas organizações, que passam a reivindicar, legalmente, junto aos poderes públicos, políticas específicas.

Porém, não foi este o período abordado na pesquisa. A tensão atual foi colocada por ter sido parte da trajetória trilhada inicialmente e a primeira questão que me levou a pensar no carnaval como uma possibilidade de perceber as relações estabelecidas entre as identidades negra e regional. É interessante observar como essa tensão está presente na atualidade, sendo seguidamente referida. Outro depoimento que remete à tensão é o de Giba Giba, músico, carnavalesco e pesquisador da cultura negra, cujo trecho descrito logo abaixo, apesar de longo, é muito significativo e importante para seguir o desencadeamento das idéias na forma como estou colocando neste artigo:

...Uma Escola de Samba é uma coisa muito, muito profunda e muito séria. Ela é realmente uma Escola de Samba. Não é um grupo de pessoas que o cara faz pra fazer uma Escola. Tudo é consequência: a Escola surgiu porque existia uma Escola de Samba [...] Vem uma estrutura muito profunda. E nós aqui tamos completamente distante desta fundamentação, do que que é. A gente pensa que é botar ali, botar aqui. Prova está que teve uma ano, que teve uma Escola de Samba aqui em Porto Alegre, que desfilou, substituiu a ala das baianas por uma ala de prenda. E mais, pior do que isso: ganhou! Tirou o 1º lugar!

Entrevistador – E qual era a Escola, tu não te lembra, Giba?

- Me lembro. Império da Zona Norte. Mas isso aí até as pessoas podem interpretar, como se eu estivesse... não como contribuição. Podem interpretar que eu sou contra uma Escola ou contra outra. Não! Simplesmente a gente tá falando um dado importante de que a coisa mais sagrada duma Escola de Samba é a ala das baianas.

Entrevistador – Foi uma heresia aquilo.

- É uma heresia, é uma...pode fazer qualquer coisa. Sabe! Assim, não! Ainda ficou como se estivesse inovando, vamos inovar aqui no Rio Grande do Sul. Vamos inovar, vamos botar prenda no lugar da baiana. Mas não tem, sabe? Sabe como é? É a mesma coisa: vamos inovar o gauchismo tirar as bombachas

e as botas e vamo botar um biquíni. Não tem! Sabe como é que é? Não tou inovando, tou terminando, tou terminando com a coisa. O gaúcho tá pilchado, então ele vai ficar pilchado que essa que é a tradição. Então eu não posso dizer: Agora eu vou vir de smoking, porque eu tô inovando a pilcha, sabe? Não tá inovando. Claro, fizeram isso. E o pior do que fazer, é ganhar com aprovação unânime das pessoas. Então nós estamos muito distantes do espírito real, do que é uma escola, do que que é o carnaval.

Entrevistador – Acho que isso se deve à força do tradicionalismo, gauchismo, né? Até pelo...

- Não! Mas isso não tem nada a ver com força porque não há tradicionalismo, não há nada. É simplesmente... houve um consenso. Passou na Avenida a Escola desse jeito e ganhou o 1º lugar porque teve uma Comissão Julgadora, teve Imprensa, teve as pessoas que aplaudiram... todo mundo achou que foi uma novidade [...] Foi um consenso. Quer dizer, o único que tava no contrapé desse consenso sou eu, falando exatamente que não podia. Mas as pessoas: - Mas tá bonito, mas tá isso, mas tá aquilo. Vai te que ver. Não se tratava se era bonito, se era feio... Não era nada disso. É que eu vou jogar futebol e agora pra jogar futebol eu não vou botar um terno e gravata e chapéu e vou jogar futebol. Quer dizer, é inadequado. Tou bonito... (NASCIMENTO, 1991, p. 11-12)

Nesse trecho de seu depoimento, Giba Giba demonstra a quebra de uma *tradição sagrada* no carnaval e, principalmente, nas Escolas de Sambas. A ala das baianas é uma reverência antiga existente nas Escolas de Samba e é uma presença que caracteriza a história do negro brasileiro de norte a sul do país. Inclusive, é uma homenagem do próprio samba carioca à sua origem na cultura negra baiana, pois as antigas rodas de samba nos morros do Rio de Janeiro aconteciam nas casas de velhas baianas, como Tia Ciata, apontada como uma das mais antigas casas onde se reuniam os sambistas de morro. Ou seja, para Giba Giba, no episódio em que saíram prendas na ala das baianas existiu a quebra de um código, de um significado estabelecido pela tradição, que não foi sequer compreendido pela Escola e pela Comissão Julgadora.

Como no caso desses depoimentos, muitos outros revelaram pontos de tensão entre a identidade negra e regional, que me fizeram ir



ao passado pensando encontrar algo semelhante. A própria questão racial é constantemente evocada nos depoimentos dos carnavalescos, questões como racismo e representações diferenciadas de negros e brancos. No caso referido acima por Giba Giba, é interessante observar que a Escola de Samba por ele citada, *Império da Zona Norte*, é uma escola considerada *branca* na cidade de Porto Alegre. Os próprios componentes da Escola referem-se a esta representação, comum no imaginário local, absorvida pelos carnavalescos da *Império*:

...O Império é uma Escola fundada em 75 e hoje nós temos em 91, né, graças ao nosso bom Deus. Tudo aquilo que a gente imaginou em fazer na Escola, trazer ela, é uma Escola coesa, unindo, principalmente, as pessoas do nosso bairro, o bairro Sarandi, que é onde não havia uma união, principalmente de raças. O Sarandi era um carnaval, era um bairro muito racista, não se uniu a raça negra, nem a raça branca, era pouca união dentro do carnaval, né, então a nossa idéia, o nosso propósito era fazer uma Escola onde participasse as duas raças, sem discriminação, todos fizessem, né, brincassem no mesmo bloco, né, participassem do mesmo grupo, trabalhando na diretoria, fizemos uma diretoria meio por meio [...] Como a maioria do pessoal nosso aqui diz: - Pô, o que será que eles têm contra o Império da Zona Norte? Se nós entramos numa competição e é a Escola mais linda e eles acham... - Ó, eles não dançaram bem, vieram marchando, não sei o que, é samba de branco, pô, aí tá, aí consegue colocar a gente, né, a gente fica colocado, aquela coisa toda, mas às vezes a gente poderia ter ganho até o carnaval, e bom se é no futebol, o Império com um baita dum time, aí chega lá o juiz: - Não mas o problema é o seguinte: são muito bonitinho, tão fardadinhos, aquela coisa toda, então da aí pro outro lá, já dão um pênalti contra a gente lá, a gente sofre, não adianta, e é por aí a coisa [...] eles tiveram a petulância de dizer que, por exemplo, nós éramos uma Escola do Beco do Mijo, não é, lá do Beco do Mijo, o que vocês querem lá, é zona só de catarina, entendeu? É, eles não aceitam ainda. Não adianta eles não aceitam, mas a gente tá mostrando... (LOPES, 1991, p. 1-6)

Essa Escola considerada *branca* entre os carnavalescos é a Escola que mais relação percebeu-se, na atualidade, com a cultura regional *oficial*. Muitos de seus componentes frequentam CTGs, e foi ela que fez fantasias de prenda

para a ala das baianas, buscando “inovar” o carnaval gaúcho.

...e nós estamos tentando mudar o carnaval [...] é que o pessoal participa é de janeiro em diante, achamos que ele tem que participar de outubro até fevereiro [...] esse ano nós iniciamos em outubro e não conseguimos ainda engatilhar a coisa, né, é difícil, mas a gente dá desconto porque é que aqui [na Zona Norte de Porto Alegre] não tem tradição, tem muitas opções né, o pessoal independente do nosso carnaval tem tradicionalismo aqui, tem muitos CTGs, o pessoal tá participando muito, eu acho que isto é bom. Também nós temos com uma idéia já bem madura desde o ano passado, ano de 89, é, de 89, nós temos a idéia de colocar o tradicionalismo, também né, botar nas nossas festividades, o Gaúcho da Fronteira, o Borguetinho, este pessoal né, dos CTGs pra fazer uma integração, de repente eu só não consegui, lógico né, até nem vai dar pé, pegar por exemplo, botar o grupo da Escola no CTG, isto não dá. Agora, nós trazer ele e colocar aqui, eu acho que eles fazerem um show, eu acho que dá pé, mas ainda não conseguimos montar a coisa, né [...] O Império da Zona Norte, o que nós temos é bons amigos, boas amizades com este pessoal que participa do tradicionalismo, inclusive nós temos componentes aqui que são apaixonados pelo tradicionalismo, pelos CTGs, eles participam, até nosso diretor ali de vez em quando chega de bota aqui [risos], de pala, mas é por aí a coisa, eu também gosto de outras coisas, eu gosto do tradicionalismo, de assistir a dança, a dança do balaio, eu até nem sei os nome, mas eu gosto, eu acho bonito as prenda, tanto que em 82 nós trouxemos prendas... (LOPES, 1991, p. 8-9)

Através desse depoimento, pode-se compreender melhor a quebra da *tradição* a que Giba Giba se referia anteriormente. O próprio Pedro Lopes refere-se à *falta de tradição* carnavalesca na Zona Norte da cidade e refere-se à representação da Escola no imaginário da cidade como uma Escola localizada numa área em que tem *muito catarina*², do *Beco do Mijo*, ou seja, uma Escola de brancos pobres, sem estrutura mínima, nem banheiros.

Lopes também se refere às trocas existentes entre a Escola e os CTGs e, neste ponto, é

² Santa Catarina é o estado *mais claro* do Brasil, no qual 91,44% da população se declara branca. O Rio Grande do Sul é o segundo estado *mais claro* do Brasil, com 87,16% da população se declarando branca, 8,14% parda e 4,21% preta. Ver Oliven (1996, p. 25)



interessante comparar sua fala ao trecho em que Giba Giba delimita a fronteira entre o tradicionalismo gaúcho e o carnaval negro, através do episódio das prendas na ala das baianas, considerado por ele uma *heresia*. Lopes, por sua vez, comenta que não haveria aceitação por parte dos tradicionalistas em “botar o grupo da Escola no CTG”, mas afirma que o contrário, ou seja, botar o grupo do CTG na Escola para fazer apresentações e haver uma “*integração*”, seria viável, e que a Escola propunha-se a fazer essa integração.

Pode-se perceber que a visão de Lopes e de Giba Giba sobre as fronteiras delimitadas são distintas. Giba Giba coloca que a fronteira, o limite do sincretismo entre a cultura regional e negra deve ser mantido, pois a manifestação carnavalesca carrega consigo sentidos e significados específicos, compartilhados pelos descendentes de africanos, que preservam sua história através da *tradição*. Ou seja, o carnaval e a preservação de certas tradições faz com que a cultura negra sobreviva no tempo através da memória preservada e compartilhada, que é continuamente transmitida, principalmente, através do domínio de determinados significados e códigos que têm sentido para a coletividade de descendentes de africanos. Para Lopes, não existiu a quebra de uma tradição porque, provavelmente, ele não compartilhe desse significado atribuído à ala das baianas. Para ele, inclusive, a integração poderia ser maior, não através da entrada da cultura carnavalesca no tradicionalismo, apontada por ele mesmo como inviável. Mas através da entrada do regionalismo na cultura carnavalesca.

Para Giba Giba, o carnaval carrega consigo significados próprios à cultura negra, compartilhados pelo grupo. Para Lopes, não há essa tradição em sua Escola, embora ele perceba as fronteiras delimitadas pelos tradicionalistas em relação ao que *vem de fora*, às demais culturas, pois reconhece a inviabilidade de inserir a cultura carnavalesca no tradicionalismo, que jamais seria aceita. No entanto aponta que, do seu ponto de vista, o inverso seria possível, como se a fronteira não fosse tão rígida entre os carnavalescos quanto entre os tradicionalistas.

Como pode-se observar, atualmente existem alguns pontos de tensão entre as identidades regional e negra que, como coloquei anteri-

ormente, provavelmente tenham iniciado em período mais recente, a partir da institucionalização dos CTGs e das Escolas de Samba, como grupos de interesses específicos. Mas, assim como existem esses pontos de tensão, existem também pontos de identificação entre a identidade negra e regional, como fica claro na citação de Giba Giba no início deste item, na qual reivindica o pertencimento à identidade negra, gaúcha e brasileira. E também, muitas vezes, existem reivindicações conjuntas feitas por esses dois grupos, tradicionalistas e carnavalescos, como por exemplo a execução de uma Pista de Eventos na cidade, popularmente chamada de *sambódromo*, cuja construção é de interesse de ambos grupos.

O projeto inicial de fazer uma Pista de Eventos no Parque Marinha do Brasil, no bairro Menino Deus, desencadeou no imaginário da cidade uma série de conflitos nas últimas décadas do século XX, colocando diferentes grupos em confronto até que se decidisse pela sua construção no início do século XXI no bairro Porto Seco, inaugurada em 2005 e localizada na periferia da cidade. Alguns carnavalescos chegam a dizer que não iriam mais ao carnaval oficial devido à distância em que ele foi construído, ironizando, “*não irei assistir o carnaval em Santa Catarina, no Lonjódromo*”.

Utilizarei três grupos específicos para analisar rapidamente esse confronto material e simbólico no imaginário local, na última década do século XX. De um lado, os moradores das imediações do Parque que reduziram a discussão, inicialmente, à construção de um *sambódromo*, sugerindo locais periféricos para sua construção. A argumentação era de que o *sambódromo* aumentaria a bagunça, o barulho e a criminalidade em suas imediações. Do outro lado, os carnavalescos defenderam-se dizendo que o projeto era maior do que a idéia de um *sambódromo*, o projeto era de uma Pista de Eventos, para todos os eventos que envolvessem a cidade, inclusive as comemorações da semana Farroupilha e da semana da Pátria.

Os carnavalescos passaram então, a argumentar que as críticas se reduziram a eles, carnavalescos e negros, apontando uma perseguição específica a este grupo, quando havia outros grupos interessados na execução do projeto. Faixas e cartazes foram produzidos com fra-



ses conflitantes, como: “*Sambódromo no Parque Marinha, Não*” ou então, “*Sambódromo, Sim. Racismo, Não*”.

Os tradicionalistas, por sua vez, também queriam que a Pista de Eventos fosse construída em um ponto central para suas apresentações, desfiles e comemorações. Neste caso, tradicionalistas e carnavalescos uniram-se, por terem em vista um interesse comum: a construção de uma Pista de Eventos. Os carnavalescos viram nisso uma vantagem, pois sabiam que, ao se unirem aos tradicionalistas, não seriam jogados para a periferia da cidade, pois, segundo eles, os soldados do Exército nos desfiles da semana da Pátria e os tradicionalistas dos CTGs nas comemorações da semana Farroupilha não fariam suas apresentações num local que não fosse central.

O que pretendi mostrar com esses exemplos é que existem diversas formas de cruzar as identidades existentes. Muitas vezes, as identidades negra e regional tornam-se identidades em confronto; em outras, tornam-se parceiras e, em alguns momentos, reivindicam o pertencimento de uma à outra.

Nas décadas de 30 e 40, através das fontes utilizadas, encontra-se pelo menos duas identidades sendo construídas neste sentido. Uma analisada anteriormente, construída pela intelectualidade local, que demonstrava a pouca participação do negro na constituição de uma cultura regional, e outra em que o negro afirmava, através de suas representações, seu pertencimento à cultura regional. São essas representações, ou seja, do *negro gaúcho*, que passarei a analisar a seguir.

Como coloquei inicialmente, uma das coisas que mais chamaram a atenção no período pesquisado, para quem estava interessada em estudar a identidade regional através do estudo do carnaval, foi a iniciativa do poder público de promover o *Carnaval Farroupilha*, em 1935, em homenagem ao Centenário da Revolução Farroupilha.

Como vimos no início desse artigo, havia um interesse manifesto da intelectualidade local em afirmar a *brasilidade* do gaúcho e o pertencimento do Rio Grande do Sul à história da sociedade brasileira. O *Carnaval Farroupilha* pode ser entendido como um momento propício para o gaúcho afirmar-se como brasileiro, pois até mesmo *mulatas* e *carnaval* o sul era ca-

paz de produzir, o que o tornou um estado sulino, de fronteira e de guerras, mas *bem brasileiro*, onde se dançava *samba* e se fazia carnaval popular, a expressão máxima da *brasilidade* nos anos 30 e 40.

Por outro lado, o ano do *Carnaval Farroupilha* tornou-se especial para perceber como os negros entendiam a cultura regional, através das imagens e representações por eles produzidas nesse episódio. No período em que estava sendo construída a imagem do gaúcho como herói dos pampas, certamente o ato de reivindicar o pertencimento a esta identidade conferiu um novo posicionamento e uma aceitação no imaginário local. A re-significação feita pelos negros dessa data comemorativa da identidade gaúcha e que naquele contexto procurava afirmar suas ligações “históricas” com o Brasil, seu pertencimento à sociedade brasileira, pode ser entendido como um *enegrecimento* da cultura regional, em que a cultura negra foi demonstrada como tendo significativa e particular participação na construção histórico-cultural do Rio Grande do Sul.

O negro não apenas reivindicava sua identidade gaúcha, vestia bombacha e empunhava as cores da bandeira do Rio Grande do Sul, mas evocava a presença negra nos pampas, sua musicalidade, seus ritmos à base de percussão, ou seja, imprimiu sua própria influência nessa cultura regional que estava em construção, demonstrou o quanto negra era a cultura gaúcha.

Não por acaso essa manifestação se dá em meio à festa carnavalesca, ou seja, num ritual que se caracteriza justamente pela inversão, sendo que desde a época da escravidão os negros utilizam os dias festivos, mesmo festas religiosas, para abrir espaço às contestações e até mesmo às rebeliões e revoltas. No caso do carnaval de Porto Alegre, desde que ocorre sua apropriação pelos negros a partir da década de 1930, existe esse sentido de exercício da cidadania através do desfile público nas ruas da cidade. Esse sentido dado aos desfiles carnavalescos já existia por parte dos brancos no carnaval do final do século XIX do qual os negros estavam praticamente excluídos. Durante os desfiles carnavalescos das sociedades brancas era comum utilizarem a exibição pública nas ruas para fazerem críticas políticas, econômicas e sociais.



Abaixo, está reproduzida uma das composições feitas por cordões carnavalescos negros durante o ano do *Carnaval Farroupilha*, em 1935. A composição *Alma Gaúcha* é do *Cordão Carnavalesco Prediletos*, um cordão carnavalesco composto por afrodescendentes, que tinha relações com o carnaval do Areal da Baronesa e da Colônia Africana, dois territórios negros de Porto Alegre.

Olé, olé!
Agüenta o repuxo
Mostra que tens
O sangue gaúcho
Olé...

Mostra que és
Deste lindo rincão
Da terra adorada
Do meu coração
Da terra do amor
De lutas e folias
Terra do riso
E da alegria

II
Mostra que tens
A alma brasileira
Que és a primeira a festejar
Data que brilha
Oh data gloriosa
Do Centenário Farroupilha³

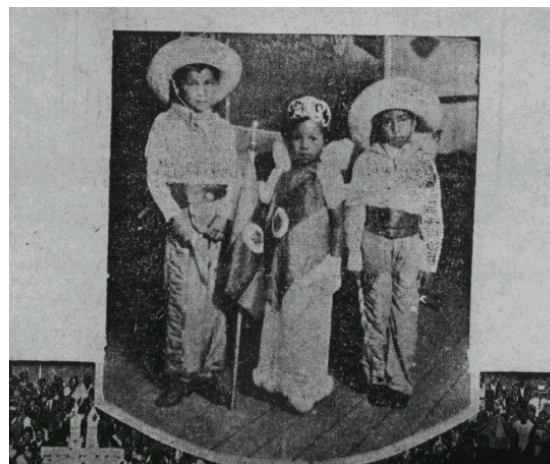
O *C. C. Prediletos* era um cordão popular, composto por descendentes de africanos oriundos dos territórios negros de Porto Alegre. Era um cordão que intercalava desfiles nas ruas, acompanhado por sociedades, blocos e cordões carnavalescos populares, seus co-irmãos, e bailes fechados exclusivos para os filiados e convidados. Foi um dos criadores da Federação Carnavalesca de Porto Alegre, em fevereiro de 1935, ao lado dos *Tsouras*, *Turunas*, *Tigres* e *Divertidos e Atravessados*.

O *Prediletos* era um agrupamento carnavalesco popular que se apresentava como disciplinado e respeitado e conquistou grande espaço na imprensa e apreço do poder público. Como

foi demonstrado anteriormente, havia interesse por parte do poder público, imprensa e intelectualidade, em apoiar os elogios à *brasilidade* do *gaúcho*. Esse contexto deve estar presente ao analisarmos o elogio ao sangue gaúcho e à data do Centenário Farroupilha como uma data brasileira, na composição escrita pelos *Prediletos* e por vários outros agrupamentos carnavalescos durante o *Carnaval Farroupilha* de 1935.

Em outras palavras, o *C. C. Prediletos* foi um dos cordões carnavalescos populares, compostos por descendentes de africanos, que soube manipular os símbolos socialmente disponíveis, conferindo-lhes novos significados, adequando-os aos seus interesses imediatos e ao seu universo cultural, fortemente influenciado pela cultura negra. O *Prediletos* afirmou-se enquanto gaúcho, ganhou espaço no imaginário social e estava inserido nos territórios carnavalescos negros. Vestiu a pilcha, mas compôs letras de elogio às *morenas* e também à influência negra na cultura regional, como demonstrarei a seguir.

Na fotografia abaixo⁴, feita durante o *Carnaval Farroupilha* de 1935, pode-se observar a *rainha* e seus *pajens*, componentes do *Prediletos*. Os *pajens* estão vestidos à gaúcha, e a *rainha* empunha a bandeira do Rio Grande do Sul, exibindo-a também em uma faixa ao longo do vestido.



A exaltação às *morenas sensuais* e *gaúchas* aparecem abundantemente nas representações produzidas nas composições carnavalescas, como na letra descrita a seguir, do *Grupo dos Farrapos*.

³Jornal Correio do Povo, 24/02/1935, p. 14 [grifo da autora].

⁴Jornal Correio do Povo, 02/03/1935, p. 10.



Vamos **moreninha**,
 Com os **Farrapos** contemplar
 As delícias desta noite de luar!
 Quero contigo fazer uma passeata
 Prá tu veres meu amor,
 Quanto é belo o Carnaval
 Vem...
 Vem depressa
 Que,
 No Carnaval, tudo é festa
 Vamos para orgia
 Vamos. Depressa gozar
 Com os Farrapos nestas noites de carnaval.
 Vem,
 Meu amor, não te faças de rogada
 Que **este bloco é de verdade**
E não tem nenhum rival!⁵

Esta exaltação às *morenas gaúchas* era abundante mesmo nas composições produzidas nos demais anos analisados. Ou seja, não foi apenas no ano do *Carnaval Farroupilha* que os agrupamentos carnavalescos populares, compostos por descendentes de africanos, enfatizaram a miscigenação do sangue negro na composição do *gaúcho*. Ela está presente ao longo de todo período analisado.

Um bom exemplo dessa representação é a composição feita em homenagem à solista Horacina Correa, cujo título é, justamente, *Flor do Pampa*. A composição, de 1931, enfatiza o “*calor da gente desta terra! [gaúcha]*” e, referindo-se a Horacina, descendente de africanos, diz, “*és o esplendor da raça [gaúcha], mulata sacudida!*”.

Algumas das questões levantadas nesse artigo estão ricamente sintetizadas na imagem a seguir.



⁵Jornal Correio do Povo, 23/02/1935, p.6 [grifo da autora].

Nessa imagem podemos ver duas baianas do Bloco Afro-gaúcho *Odomode* que posam para uma fotografia durante o carnaval de rua de Porto Alegre no final do século XX.

Percebe-se suas roupas de baianas, que nos remetem à brasilidade, à origem baiana do samba, a uma tradição da cultura afro-brasileira antes referida por Giba Giba.

Mas também se pode notar as faixas e adereços que têm com as cores da bandeira do Rio Grande do Sul, que podem nos remeter num primeiro momento apenas à exaltação e afirmação da identidade gaúcha, mas que por outro lado traz outros significados, mais sutis, percebidos e reconhecidos por aqueles que compartilham do universo cultural dos afrodescendentes.

Coincidentemente as cores da bandeira do Rio Grande do Sul são as mesmas cores associadas ao pan-africanismo e ao rastafarianismo: amarelo, verde, vermelho – e no caso do pan-africanismo e rastafarianismo soma-se a essas três a cor preta. O pan-africanismo foi um movimento desencadeado a partir da descolonização da África que pregava a unidade dos povos negros do mundo e o retorno à Patria Mãe, a Mama África. O rastafarianismo é uma religião que envolve inúmeros significados que formam uma rede que envolve afrodescendentes da Jamaica e Etiópia, formando uma complexa relação que inter-relaciona negros da América do Sul, América do Norte, Caribe e África, ou seja, o Atlântico Negro, corredor da diáspora que espalhou escravos africanos nas Américas e no Caribe. Tanto o rastafarianismo, quanto o pan-africanismo, transcenderam em muito o contexto inicial no qual surgiram, tendo sido apropriados por negros espalhados pelo mundo inteiro como símbolos de *negritude*.

O movimento de *negritude* como define Iokoi, “nasceu como uma resposta positiva da cultura negra no mundo e como denúncia ao colonialismo europeu e à segregação racial norte-americana. *Negritude* é, assim, uma **multiplicidade de interpretações historicamente definidas em projetos de reconquista do espaço do negro nas sociedades ocidentais**”. (1997, p. 12) [grifo da autora].

Durante uma entrevista com Paulo Romeu – componente, maestro e um dos dirigentes do Bloco Afro-gaúcho *Odomode* - ele afirmou que essas cores estejam ali nos adereços das bai-



anas não era mero acaso e que o grupo realmente utilizava essas cores exatamente por elas representarem, a um só tempo, tanto a exaltação da identidade negra, quanto gaúcha.

Através desses exemplos abordados, pode-se perceber que os blocos e cordões populares, compostos por descendentes de africanos afirmaram e afirmam continuamente, através do carnaval na cidade, sua identidade *negra* e *gaúcha*. Vestiram as cores e as vestimentas do Rio Grande do Sul, mas afirmaram-se enquanto negros, com seus ritmos, fantasias e significados próprios, expressando a particularidade da cultura afro-gaúcha na cultura brasileira.

REFERÊNCIAS

GUTFREIND, Ieda. *A Historiografia Rio-Grandense*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1992.

IOKOI, Zilda M. G. *Negro e Negritude*. São Paulo: Loyola, 1997.

OLIVEN, Ruben George. A Invisibilidade Social e Simbólica do Negro no Rio Grande do Sul. In: LEITE, Ilka Boaventura (org.). *Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

Entrevistas

LIMA, Waldemar Moura. (Pernambuco). *Entrevista sobre o carnaval de Porto Alegre*. Porto Alegre: SMC, 18/fev/1991.

LOPES, Pedro Guilherme. *Entrevista sobre o carnaval de Porto Alegre*. Porto Alegre: SMC, 16/jan/1991.

NASCIMENTO, Gilberto. (Giba Giba). *Entrevista sobre o carnaval de Porto Alegre*. Porto Alegre: SMC, 20/fev/1991.

Jornal

CORREIO DO POVO. Porto Alegre, 1935.

